
A relação entre o profissional de saúde e a mulher trans na “Caverna de Platão”: a dialética e a hermenêutica

Grazielle Tagliamento

Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo – USP

Professora do Mestrado em Psicologia - UTP

Pesquisadora do Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids (NEPAIDS) – USP

Resumo

Este artigo apresenta a construção social dos processos de estigmatização e discriminação presentes nas relações estabelecidas por profissionais de saúde e as mulheres trans, fazendo um paralelo com o Mito da Caverna de Platão. Por fim, apresenta a dialética e a hermenêutica como possibilitadoras de verdadeiros encontros, que possibilitem relações pautadas no cuidado e em projetos de felicidade.

Palavras-chave: Profissionais de saúde. Mulheres trans. Hermenêutica. Dialética.

Abstract

This article presents the social construction processes of stigmatization and discrimination present in the relationships established by health professionals and trans women, making a parallel with Plato's Myth of the Cave. Finally, it presents dialectic and hermeneutics as enablers of real encounters, enabling guided relations in the care and happiness projects.

Keywords:: Health professionals. Trans women. Hermeneutics. Dialectic.

*Pois o homem só se torna livre num envio,
fazendo-se ouvinte e não escravo do destino.*
Heidegger (2002, p. 28)

Imaginemos duas crianças... ambas possuem um corpo anatômico-fisiológico masculino. Crianças que vivem em realidades distintas, mas sob as mesmas normas sociais. Uma, ao longo de sua infância começa a se identificar com características tidas como femininas. Seus pais e professores a repreendem constantemente. Mas o seu desejo permanece. Ao chegar à adolescência inicia a sua transformação... os cabelos crescem, as roupas deixam de ser masculinas, as unhas crescem, os pelos do corpo são retirados um a um, os hormônios fazem parte de sua rotina... e, com isso, vêm também as brigas em casa, na escola e na rua, por não corresponder ao padrão que esperam desse homem. Ele se transformou em uma mulher, em uma mulher trans¹. Ela foi expulsa de casa, da escola, das suas relações pessoais. Restou a

¹ Esse termo refere-se tanto às travestis quanto às transexuais, porém não possui o sentido de 'transgênero', quando este se refere ao trânsito entre um gênero e outro, pois elas não transitam entre os gêneros, elas pertencem somente ao gênero feminino. Como apontam Arán e Murta (2009, p. 34), "ainda que no meio médico exista uma clara distinção entre transexuais e travestis, várias pessoas transitam entre estas identidades", fazendo com que as categorias travesti e transexual não deem conta, na perspectiva adotada neste texto, da diversidade da vivência cotidiana delas.

rua, a prostituição, a negação de direitos... Naturalizou e perpetuou o seu lugar à margem, passou a abrir mão de seus direitos. Direito de ir ao médico, de ir à escola, de possuir outras possibilidades de atuação profissional, de transitar na rua à luz do dia...

A outra criança gosta de ser o homenzinho da casa. É ensinado a ela que ser homem é ser o “garanhão”, é jogar futebol, brincar com carrinhos... e que os meninos que não fazem isso são “bichinhas” e devem ser deixados de lado, quando não agredidos, como se ofendessem as outras pessoas. Quando chega à adolescência, descobre que lugar de mulher trans é na rua, na prostituição, afinal, nunca viu uma na sua escola, rua ou família. Acha estranho um homem se vestir de mulher, ter corpo de mulher e ainda permanecer com o pênis. Essa percepção o acompanha na sua graduação de medicina e na sua atuação profissional.

Essa criança, que hoje é médico, encontra com a outra, a mulher trans, em um atendimento no posto de saúde em que trabalha. Mas ambos estão em uma caverna escura, presos por grilhões. A escuridão e os grilhões não permitem que se vejam, que se falem, que saibam quem é o outro e quem são ao certo.

Nessa caverna não estão apenas essas duas personagens, estão também muitos outros profissionais de saúde e mulheres trans, que em suas vivências diárias estão “presos”, olhando apenas para uma

parede e vendo sombras, e tendo esta como a realidade verdadeira. Nesse contexto, a existência dessas pessoas é dominada pela ignorância (*agnóia*), como descrito por Platão em seu *Mito da Caverna* (Chauí, 2002).

Os grilhões que os prendem são os preconceitos, a confiança nos seus sentidos, suas paixões e opiniões. Grilhões que fazem com que os profissionais de saúde marginalizem, discriminem e estigmatizem as mulheres trans, e que não permitem olhá-la como um ser humano dotado de direitos e desejos. Esses mesmos grilhões também fazem com que as mulheres trans não enxerguem os profissionais de saúde como seres humanos, elas acabam projetando a postura discriminatória que outras pessoas tiveram com elas a todos os profissionais de saúde, como se todos fossem tratá-las assim.

Mas como libertar-se desses grilhões? Como conseguir ver um ao outro? Como estabelecer encontros verdadeiros? Platão, e sua dialética, e Gadamer, e a sua hermenêutica, nos ajudarão a responder a tais questões.

Esses pensadores têm em comum a importância dada ao diálogo. Vejamos...

A dialética platônica é necessariamente dialógica, ou seja, ocorre em um diálogo entre o mesmo e o outro. A dialética não pode ser praticada sem esse cenário, é necessária uma inter-relação do sujeito ao seu objeto

(que também é sujeito) para que ambos possam íntima e intuitivamente (percepção do objeto, da forma) lembrar um conhecimento que já existe no próprio sujeito (anamnese) (Chauí, 2002).

Então o caminho a ser percorrido é circular, ao mesmo tempo ascendente e descendente. Ascendente porque se parte da coisa, por meio de um de seus elementos, e em um movimento do particular para o universal se efetiva a “subida”; e descendente, porque, ao conhecer o universal, é necessário manter a tensão entre a aplicação particular e pragmática do conhecimento e sua condição transcendental, sendo que esse movimento não se cessa. Platão refere-se ao ser de cada coisa por cinco elementos fundamentais para a sua compreensão, são eles: o nome, a definição, a imagem, o conhecimento e a coisa conhecida (Chauí, 2002; Almeida, 2002).

A direção, portanto, é o movimento circular dialético de subida e descida, de perguntas e respostas em busca do *Bem*. Importante dizer que o *Bem* não se configura como mais um elemento entre os outros, ele é a reunião de todos os outros elementos – é a unidade da multiplicidade. É a ideia suprema e universal; nele os homens se comunicam e por ele entram em comunhão.²

2 ??????

3 Sobre a hermenêutica de Gadamer, além das obras desse pensador, ver as obras de Almeida (2000) e Ayres (2008)..

A dialética platônica configura-se como um projeto para que o *lógos* transforme-se numa práxis histórica, tanto na dimensão política quanto na dimensão artística, ética etc. Contudo, essa práxis só pode ser realmente efetivada em meio a indivíduos que tenham um compromisso com o saber, é necessário que haja um entendimento intersubjetivo, que um reconheça no outro, mesmo nas diferenças, que existe uma comunidade, uma identidade. Tal identidade dá-se de forma específica quando há uma comunicação do “eu” com o “outro”, o “eu” fala para si mesmo num diálogo interior e se expressa ao “exterior” quando encontra o interior do outro, essa é a alteridade que necessita do diá-lógos para se transformar em dialética; a qual é um mostrar-se, um desvelamento das relações (Chauí, 2002).

Nessa linha de pensamento, Gadamer³ afirma que a arte da dialética é a arte de não eliminar o “outro”. É verdadeiramente o ouvir e é também a arte de manter perguntas (Gadamer, 2002). O enrijecimento de opiniões já postas nos impede de questionar; infantiliza, nos torna passivos diante de nossos destinos, por não desafiar a autoridade anônima da tradição e por não permitir que se veja o novo. A experiência hermenêutica, portanto, é movimento, é o fluxo de uma conversação, o bom intérprete deve se colocar numa

posição submissa e permitir que o outro se imponha, e assim possibilitar que verdadeiramente o outro lhe diga algo: o outro deve depositar perguntas, que devem desfazer o intérprete de suas opiniões prévias e o empurrar para o aberto. Nas palavras de Gadamer:

A negatividade da experiência implica a pergunta. Na verdade, o que nos move a fazer experiências é o impulso daquilo que não se submete às opiniões pré-estabelecidas. É por isso que o próprio perguntar consiste mais num sofrer que num agir. A pergunta se impõe; chega um momento em que não podemos mais fugir delas, nem permanecer aferrados à opinião corrente (2002, p. 478).

Por isso Platão desprezava as opiniões, juízos, e nesse mesmo ponto emerge o potencial liberado pela hermenêutica para ultrapassar a tradição.

Assim, ao persistirem presos à compulsão de responder a perguntas que sempre foram formuladas e elaborarem sempre as mesmas perguntas, há o esquecimento do ser, do outro. Impede-se o surgimento de outras possibilidades, do novo que poderia emergir diante do encontro do eu com o outro. Para a hermenêutica, um discurso que não põe em jogo a questão do ser, ainda que referendado pelo procedimento, pelo método, pela técnica, flutua no vácuo da mera articulação do consenso.

4 É importante destacar que na maior parte das vezes os exames clínicos, efetuados no consultório e que exijam toques no corpo, não são realizados, mas sim os exames laboratoriais. Isso ocorre por conta do despreparo que os profissionais têm para lidar com esses corpos e por preconceito. Para saber mais a esse respeito, ver Tagliamento (2013).

A hermenêutica sugere um abandono do subjetivismo e um retroceder à questão do ser, o referencial não pode ser mais aquilo que surge na consciência, é preciso estar aberto para a coisa em si. Assim, a tarefa do hermeneuta envolve sensibilidade e o escutar, deixar-se afetar pela coisa, que tem brilho próprio, que não é uma “sombra”, como a sombra da caverna de Platão.

A escuta autêntica não pode ser garantida pelo método, pois participantes presos na mesmice (ou em uma maneira de ser inautêntico), por mais “bem intencionados” que possam estar, não se aproximam. Com isso, profissionais que atendem mulheres trans, muitas vezes, fazem os exames necessários⁴, mas não as veem como seres humanos, não as escutam. E as mulheres trans, diante dessa situação, não voltam aos serviços de saúde, ou quando voltam podem ser rudes com o profissional que as atende. Não há uma aproximação entre eles. Não há uma escuta autêntica.

A verdadeira abertura ao outro é uma arte desafiadora todos os dias e é muito mais que uma mudança de atitude, trata-se de uma mudança de concepção. Implica abandono dos referenciais naturalizados e a aceitação de algo que não pode deixar de ser compreendido: um outro irreduzível, radicalmente diferente. É “experimentar o tu realmente como um tu” nas relações

humanas. A partir disso dá-se o autêntico encontro e a autorização para que alguém realmente nos diga algo. Ou seja, é o profissional de saúde aceitar e ter um encontro verdadeiro com as mulheres trans, mesmo que estas sejam muito diferentes dele. Essa situação permite que elas falem, que elas se sintam acolhidas, que elas voltem aos serviços de saúde.

Interrogar é abrir-se ao conhecimento, ao inesperado, é impulsionar a vontade de saber, é pressupor que do objeto observado nada ou pouco se sabe, o que em última instância também confirma a *mediação* e a *historicidade* como estruturas fundamentais para a compreensão.

Eis que a riqueza do processo está no seu desenrolar, quando o intérprete se vê obrigado a perguntar-se sobre os seus preconceitos. A história efetiva sempre condiciona a compreensão, mas, de outro lado, o compreendido tem também brilho próprio incitando a criação de novas convicções: a compreensão precisa ser um “fazer da própria coisa, um fazer que o pensamento padece” (Gadamer, 2002, p. 621).

O importante é, portanto, isso: deixar ser o que é. Mas deixar ser não quer dizer: repetir apenas o que já se sabe. Não na forma de uma vivência da repetição. Mas determinado pelo próprio encontro, deixar-se ser o eu foi para aquele que se é (Gadamer, 1985, p. 75).

É possível notar o papel fundamental que a linguagem ocupa no pensamento de Gadamer. Isso

porque a linguagem é o meio pelo qual ocorre a compreensão, pois tanto o pensamento quanto a comunicação são realizados mediante a linguagem. No entanto, essa não pode ser considerada como mero instrumento de interligação subjetiva entre o outro e o intérprete, pois, além de possibilitar o conhecimento dos fenômenos, a linguagem é o que somos; nela e por ela somos constituídos.

Então é exatamente a linguagem, o diálogo, que pode libertar os profissionais e as mulheres trans de seus grilhões. Isso ocorre porque o diálogo os coloca em estado de confronto de interesses, na variedade de opiniões e diante de seus preconceitos, fazendo com que esses dois extremos se olhem, se vejam, se percebam e reconstruam suas “verdades”. Portanto, toda linguagem, enquanto comunicação, indica simultaneamente a existência da diferença e a promessa da semelhança.

Nesse movimento de compreender o outro e a si, emerge a possibilidade do estabelecimento de uma nova postura, de um encontro autêntico; enfim, permite sair da “Caverna”. A partir desse encontro, novas alternativas são delineadas, os valores e estigmas são revistos, dois horizontes podem conviver e práticas de saúde conduzidas por “projetos de felicidade” (Ayres, 2001) podem se configurar.

Referências - regras da APA

- Almeida, C. L. S. (2000). *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Almeida, C. L. S. (2002). *Hermenêutica e dialética: dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Arán, M., & Murta, D. (2009). Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescobertas da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Physis*, 19(1), p. 15-41.
- Ayres, J. R. C. M. (2001). Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 6(1), p. 63-72.
- Ayres, J. R. C. M. (2008). Para comprender el sentido práctico de las acciones de salud: contribuciones de la Hermenéutica Filosófica. *Salud Colectiva*, 4(2), p. 160-172.
- Chauí, M. (2002). *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gadamer, H. G. (1985). *A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Gadamer, H. G. (2002). *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica Filosófica*. Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (2002). *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes.
- Tagliamento, G. (2013). *A arte dos (des)encontros: mulheres trans e a saúde integral*. Rio de Janeiro: Multifoco.